

Espero e creio fortemente que a experiência que muitos de vós ireis viver em Lisboa, no mês de agosto, representará um novo começo para vós jovens e, convosco, para toda a humanidade.

Papa Francisco, Mensagem para a XXXVII Jornada Mundial da Juventude, 15 de agosto de 2022



# Boletim de Espiritualidade

1 AGOSTO 2023  
Ano X Nº 110

110



## Agenda agosto 2023

- 1 Lisboa (UCP) – Casa da Economia de Francisco [🔗](#)
- 1 a 4 Lisboa (CCB) – Centro Internacional de Diálogo (KAICIID) promove diálogo inter-religioso [🔗](#)
- 1 a 6 Lisboa – Jornada Mundial da Juventude [🔗](#)
- 7 Fátima (Santuário) – Recolção – Lucas Mendes [🔗](#)
- 8 Online – De Véspera com Santa Edith Stein [🔗](#)
- 7 a 15 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 Braga (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 10 a 13 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 a 18 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 13 a 19 Fátima (Claretianos) – Retiro: "Dinamismos de esperança e fraternidade" – P. Manuel Barbosa [🔗](#)
- 16 a 24 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 26 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 20 a 26 Fátima (Claretianos) – Retiro: "Dinamismos de esperança e fraternidade" – P. Manuel Barbosa [🔗](#)

- 21 a 25 Fátima (Domus e Carmelo S. José) – Retiro de Sacerdotes [🔗](#)
- 21 a 26 Fátima (Consolata) – Curso de missiologia: *Corações ardentes, pés ao caminho* [🔗](#)
- 22 a 27 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 a 27 Braga (Casa de Soutelo) – Psicologia positiva: Parte I [🔗](#)
- 27 Avessadas – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 27 a 31 Fátima (Capuchinhos) – Semana Bíblica Nacional: *A Vocação na Bíblia* [🔗](#)
- 28 a 2set Ávila (CITeS) – I Congresso Internacional Santa Teresa de Jesus: «Uma corrida gigante». *O Manuscrito "A" de História de uma Alma* [🔗](#)
- 28 a 2set Couço (Monjas de Belém) – Campo de trabalho e oração [🔗](#)

## Agenda setembro 2023

- 1set Ávila (CITeS) – Inscrições abertas para o Master em Mística e Ciências Humanas [🔗](#)
- 1 a 3 Fátima (Domus Carmeli) – XXV RUMOS: Encontro para jovens [🔗](#)
- 4 Fátima (Santuário) – Recolção – Eduardo Caseiro [🔗](#)
- 4 a 7 Fátima (C. Paulo VI) – 47.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica [🔗](#)
- 5 a 7 Braga (UCP) – 1.º Colóquio Internacional "Tempo e Emergência" [🔗](#)
- 11 a 19 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 a 17 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 15 a 17 Braga (Casa de Soutelo) – Psicologia positiva: Parte II [🔗](#)
- 17 a 23 Fátima (Claretianos) – Retiro: "Forças e Virtudes para hoje" – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF [🔗](#)
- 18 a 25 Colares (Praia Grande) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 20 Braga (UCP) – Congresso sobre a Educação e a Cultura de Paz [🔗](#)
- 21 a 24 Braga (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 21 a 24 Colares (Praia Grande) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 23 a 24 Fátima (Consolata) – Jornadas Missionárias [🔗](#)
- 24 Avessadas – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 30 Online – De Véspera com Santa Teresinha [🔗](#)

Sequência de 4 encontros para jovens com os Carmelitas Descalços para clarificar: **rumos** para a tua vida.

Rumos 1 **escutar** [se vens pela 1ª vez]

Rumos 3 **olhar**

vida sacerdotal | vida laical | vida em matrimónio | vida consagrada

Próximos encontros 1, 3 set 2023  
5\_7 jan | 22\_24 mar | 6\_8 set 2024

Rumos 2 **conhecer**



# O caminho dos monges

Armindo Vaz, OCD

Para férias, propomos um itinerário cultural, também como experiência espiritual, pelo património que a Ordem de Cister ajudou a moldar ao longo de séculos na região sul do Douro vinhateiro. Está comodamente apoiado por infra-estruturas de lazer em vista do turismo. Mas aqui, louvando a recente recuperação patrimonial, queremos valorizar a riqueza que reconduz à espiritualidade.

Trata-se do trajecto hoje chamado *Caminho dos monges*. Conta a imponente história que começa com a fundação do mosteiro de S. João de Tarouca em 1140, com uma pequena comunidade de monges, implantada numa encosta serrana, no vale do rio Varosa, no cruzamento de duas linhas de água, em conformidade com a exigência de Cister, de edificar junto a cursos de água. Intimamente ligado à história do *vinho do Porto*, é o primeiro mosteiro da Ordem de Cister em Portugal, numa região de densa implantação monástica, representada em várias igrejas de estilo românico: na de S. Pedro de Tarouca (o primeiro documento que a refere é de 1163 e é de transição para o gótico), na de Tarouquela, no mosteiro de S. Maria de Cárquere, na de S. Maria de Almacave, na matriz de Armamar... A própria igreja do mosteiro tem elementos do românico, que respira e inspira espiritualidade, concentrada na profusão dos dourados dos altares e no cadeiral do coro que, muitas horas ao dia, emitia a recitação dirigida ao céu. A construção começou propriamente em 1152, coincidente com as origens da portugalidade e com a fundação da nacionalidade, tendo sido lançada nesse ano a primeira pedra da igreja conventual (o reconhecimento da independência de Portugal aconteceu em 1143 no Tratado de Zamora). O mosteiro – filiado à abadia francesa de Claraval quando Bernardo, seu fundador, era abade entre 1120 e 1153 (S. Bernardo, representado num retábulo da igreja, bem conservada) – tinha-se imposto ao então ainda conde Afonso Henriques. Concedeu-lhe *carta de couto* em recompensa pelo prestimoso apoio dos monges junto do Papa (Eugénio III, antigo monge cisterciense!) para o reconhecimento da independência do Condado Portucalense. Para os monges, a recompensa era espiritual. Trabalhando, escutavam de Isaías (40,3; 43,19): «Preparai no deserto o caminho do Senhor... Vou abrir um caminho no deserto e fazer correr rios na estepe». O de S. João de Tarouca foi um dos mais importantes mosteiros portugueses, a par do de S. Maria de Alcobaça (cuja *carta de couto* é de D. Afonso I de Portugal directamente a Bernardo de Claraval em 1153 e cuja construção se iniciou em 1178).

A história de Cister no Douro continuou avançando para Norte, escrita em pedra e nas esculturas douradas, da lavra de prestigiados entalhadores. Os monges progrediram ao longo de mais de 40 km por entre desfiladeiros tortuosos e as cascatas precipitadas do rio Varosa. Ao de S. João de Tarouca associou-se o (irmão) mosteiro cisterciense de S. Maria de Salzedas. D. Afonso Henriques tinha doado em 1152 o couto inicial de Algeriz/Argeriz a Dona Teresa Afonso, segunda esposa de Egas Moniz, onde, na vertente direita do rio Varosa, se situam as ruínas da chamada Abadia Velha, à qual estaria associada uma comunidade



*Caminho dos monges*

Fotógrafo: D.R. | Jornal do centro

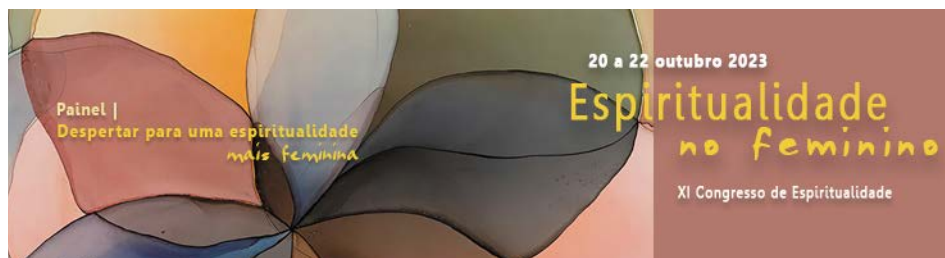
de monges (e onde hoje está o luxuoso *Douro Cister Hotel*). Sucessivamente designou-se couto de Salzedas; e Dona Teresa doou essa 'abadia' (a comunidade que viveria por ali em habitações provisórias) aos monges cistercienses de Claraval, que em 1156 a aceitaram como membro de pleno direito da Ordem de Cister. As obras de construção do mosteiro definitivo iniciaram em 1168, a 2 km dali, em Salzedas, vindo a nova, actual, igreja a ser sagrada em 1225. Dona Teresa tornou-se assim a principal responsável pela fundação do mosteiro de S. Maria de Salzedas. Também foi a seu tempo um dos maiores mosteiros cistercienses de Portugal. Grão Vasco viria a ser um dos nomes maiores da pintura que deixou a sua marca nesse mosteiro, aliando a beleza à espiritualidade. O couto monástico beneficiava da cobrança de portagem – a primeira medieval em Portugal – na ponte e torre de Ucanha, desde o século XII cabeça de couto, uma das suas aldeias, das mais antigas da região, cujas origens remontam à época dos romanos.

Os dois mosteiros irão, ao longo dos séculos, transfigurar o vale do Douro num espaço de cultura e de saber, modificando a paisagem e pondo a espiritualidade ao serviço das pessoas. À medida que o rio Varosa avança na sua confluência para o Douro, descobre a arborescência de outros espaços artísticos religiosos. De facto, do 'caminho dos monges' abeirou-se mais tarde um monumento notável, o convento franciscano de S. António de Ferreirim, de traça manuelina. Fundado em 1525 com a doação de terrenos aos frades, ressuma espiritualidade do seu tecto de caixotões de madeira pintada com cenas bíblicas, do retábulo de talha dourada e das tábuas quinhentistas que conserva no interior da igreja e no centro interpretativo, atribuídas aos «Mestres de Ferreirim», os melhores pintores activos em Portugal à época.

Outra presença artística no 'caminho dos monges' para o rio Douro, nas margens do rio Balsemão, afluente do rio Varosa, é a Capela de S. Pedro de Balsemão, relevante monumento nacional no vale do Varosa. É discutida a data das suas origens. Mas, enquadrada hoje num solar seiscentista, conserva vestígios de arquitectura moçárabe ibérica, testemunhos do séc. X, e do românico, séc. XII. [continuará]

# XI Congresso de Espiritualidade

Fátima, 20 a 22 de outubro de 2023



*Espiritualidade no feminino* é o título sob o qual está convocado o XI Congresso de Espiritualidade, a realizar em Fátima (Domus Carmeli), entre os dias 20 a 22 de outubro de 2023. Este congresso, promovido pelos institutos de inspiração carmelita e teresiana, pretende realçar a importância do feminino na espiritualidade e por consequência em toda a vida da Igreja. «Numa Igreja mais feminina, com espaço efetivo para a intervenção da mulher em todas as áreas da sua vida e missão, emergirá uma espiritualidade mais afetiva, uma cultura do cuidado, com relações mais baseadas na ternura e no respeito, da qual resultarão famílias, homens e mulheres, jovens e idosos mais felizes e testemunhantes da alegria que vem da fé», refere a organização. [🔗](#)

## De Vésperas com...

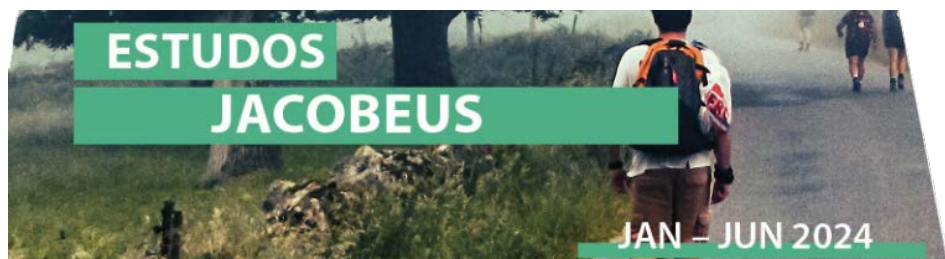
Edith Stein: 8 agosto de 2023



Ao aproximar-se a celebração de S. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), Padroeira da Europa, a Ordem Carmelita quer celebrar com toda a família esta festa litúrgica. Haverá no dia 8 de agosto, pelas 21h30, uma transmissão *online* com um momento formativo a cargo de Dina Louro. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem os Carmelitas em Portugal. Como vem sendo hábito, esta atividade pretende dar a conhecer e celebrar as festas litúrgicas dos santos carmelitas e suas figuras de referência. Terá a duração de cerca de 50 a 60 minutos. [🔗](#)

## Pós-Graduação/Formação Avançada

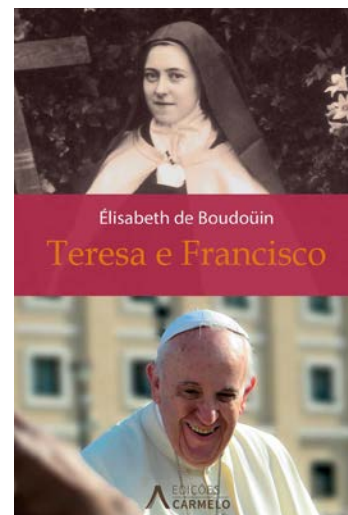
Estudos Jacobeus



O Instituto *Religare* da Faculdade de Teologia organiza a Pós-Graduação/Formação Avançada em Estudos Jacobeus. Esta formação, a iniciar a 8 de janeiro de 2024, oferece um olhar amplo sobre o fenómeno das peregrinações a Santiago de Compostela, desde a sua génese às práticas atuais, tentando observar as suas mais importantes dimensões: os processos históricos de construção do fenómeno, em perspetiva antropológica, espiritual, artística e cultural, mas também económica, política e social, com vista à implementação de um olhar ecológico integral, fomentando relações de proximidade, no contexto de um mundo global. [🔗](#)

## Teresa e Francisco

Élisabeth de Boudouin



Muitas biografias sobre o Papa Francisco foram já publicadas. Mas nenhuma delas revelou as razões da sua extraordinária devoção a santa Teresa do Menino Jesus. Este livro levanta finalmente o véu sobre a génese desta amizade espiritual profunda com a santa francesa e o seu impacto na vida e no pontificado do primeiro Papa jesuíta latino-americano da história. Élisabeth de Boudouin é jornalista, especialista em temas relacionados com o Vaticano. [🔗](#)

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

## cloustrO

**O lazer para criar pontes sem idade.** O Lazer faz muitíssimo sentido como ferramenta para unir mãos e construir pontes porque nos mostra que o verdadeiro valor de cada indivíduo está escondido ou guardado noutros lugares, assim se refere Maria Alexandra d'Araújo, para nos ajudar a refletir sobre a prática de atividades de lazer, contribuindo este positivamente para a saúde porque produz mecanismos capazes de enfrentar os eventos stressantes da vida. [🔗](#)

**A teoria dos três zeros e a vida plena.** Teresa Eugénio debruçou-se sobre a visita a Portugal de Muhamad Yunus, prémio nobel da paz em 2006, conhecido como o banqueiro dos pobres e defensor do microcrédito: «Nos seus diferentes discursos falou-nos da teoria dos três zeros: Zero aquecimento global; Zero concentração de riqueza; Zero desemprego. Segundo a sua visão, a esta teoria corresponderá uma nova civilização baseada em valores humanos, de partilha e cuidado uns com os outros.» [🔗](#)



# O grito de Teresinha \*

Frei João Costa, OCD

Escrevo no dia 7 de junho, poucas horas após o Papa ter sido internado no Hospital Gemelli, para uma intervenção cirúrgica, logo depois da Audiência Geral desta quarta-feira.

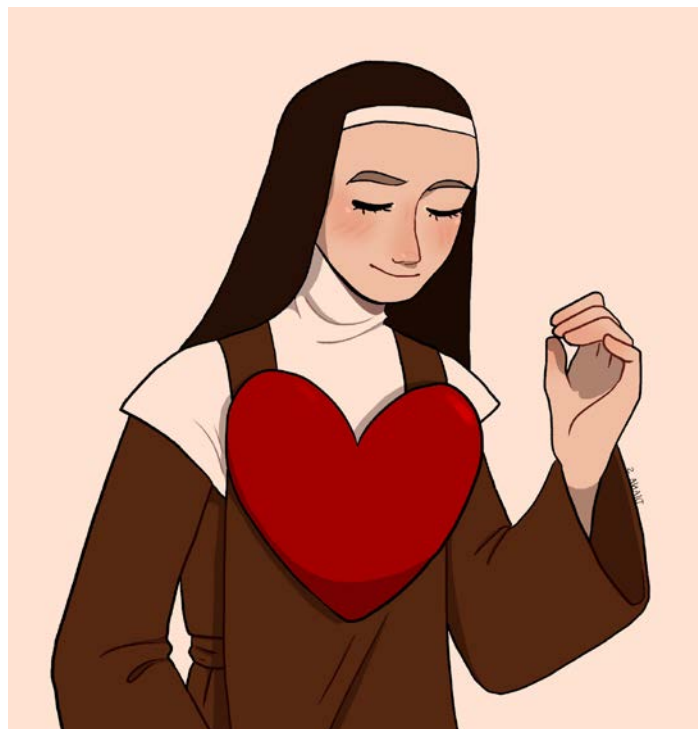
Ao início da manhã, as relíquias de Santa Teresinha do Menino Jesus, e as de seus pais, São Louis e Santa Zélia, foram trazidas para a Praça de São Pedro, para veneração do Santo Padre e de muitos fiéis ali presentes. Foi ali, a seu lado, que o Papa falou; na verdade, catequizou. O texto da catequese papal – curto, como sempre – é sobre Teresinha, missionária. E ali prometeu ainda, para este ano, uma carta apostólica sobre a nossa Irmã.

Quando aos quinze anos Teresinha traspôs o limiar do Carmelo de Lisieux, havia dezassete – ou seja, quase ontem... – que aquele Carmelo fundara um outro, em Saigão, hoje, Ho Chi Minh (Vietname).

(Imersos que somos numa sociedade excessivamente polarizada e secularizada, de todo verdadeiramente não saberemos sopesar o esforço humano, espiritual e financeiro que suporá a tarefa de fundar alhures um Carmelo, menos ainda em terras de missão, a mais de dez mil quilómetros de distância, tanto seja pela deslocação de umas dez ou doze monjas, como a correspondente bagagem que possibilite a equipagem dum mosteiro, seus serviços e ateliers, uma igreja, sacristia...; nem bem entender o empreendimento de erguer, no seio de outra cultura, uma pequena colmeia de contemplação!)

Fácil é de entender, porém, que à data dos primeiros passos de Teresinha no Carmelo, ali se vivia a alegria missionária fortalecida pela irmanação com o de Saigão, quer pelo apoio económico que a toda a hora urgiria, quer pela troca de orações e ainda, pelo necessário envio de novas irmãs que substituíssem as que cansassem. Obviamente aquele era um projecto falado, discernido e rezado com muita estima e ardor pelas Carmelitas de Lisieux. Não à toa, Teresinha, apesar da sua sempiterna frágil saúde, se mostrou receptiva e enlevada por correr os riscos de partir para ali, para longe do conforto dos afetos da sua pátria amada e da sua cultura, para um contexto social e religioso diverso e deveras adverso. Não o haverá de querer Deus, porém; mas quererá sim que, de um modo outro, se gerasse na sua vida de contemplativa, e na sua fé, um novo modelo missionário que, por ser tão radical, a constituiria padroeira dos missionários. Tal giro copernicano na espiritualidade missionária de então é o que aqui, hoje, intentaremos aflorar.

Não restem dúvidas de que as suas ânsias juvenis eram as de partir com o Evangelho no coração ao encontro dos pecadores, e de quantos dele eram indiferentes e distanciados, fora em Saigão, ou Tonkim, ou noutro lugar – o importante para ela era sair!; mas tal não lhe foi concedido. E ao não sê-lo, poderia ela ter-se rebelado ou deprimido, ou baixado as mãos – porque não?, afinal via frustrado o fito da sua vida! – mas não, pronto rezou e logo discerniu. E desvelou uma imprescindível via nova para a dimensão missionária da Igreja. Uma via, óbvio seja, válida, ainda hoje,



e para nós, talvez, ainda mais desafiante, quando hoje o Papa nos impele a sair das nossas autorreferencialidades ao encontro dos indiferentes e dos distanciados de Jesus. Que descobriu ela, pois?

Aupando forças no lugar da sua reconhecida fragilidade, Teresinha reconheceu que o combate da sua vida de consagrada não estava destinado «a ser travado no campo da batalha» – em terrenos de primeiro anúncio do Evangelho – por não ter forças, sequer, para ali chegar, e nem outras lhe restassem para tal combate, por tão só dispor de uma arma: o amor. E vendo, não sem surpresa que ali, na missão *ad gentes*, mas também na rectaguarda, «os amigos de Jesus são raros», corajosa, se decidiu a ser Sua amiga valorosa, elegendo modo novo de o ser, actuar e rezar. Mais: tendo reparado nisso, agiu em consequência, e decidiu-se, irrenunciavelmente, a fazer sacrifícios, a entregar a tão maus amigos a sua amizade, e a por eles rezar mais e mais; seja pelos pecadores, os distanciados e indiferentes, mas especialmente, pelos sacerdotes, tratando de salvar suas almas, na certeza de que se a sua devotada entrega e a sua oração fiel os fortaleceria, indirectamente colaborava na salvação de hostes imensas a quem eles, diariamente, se dedicam e entregam. Tendo, é um facto, convivido durante um mês, em finais de 1887 (aos 14 anos), com muitos dos da sua diocese, durante uma peregrinação a Roma, pronto concluiu que, afinal, eles não eram tão santos como sempre crera, e como a ingente tarefa missionária sempre urge e aconselha. Ora pois se, em primeiro lugar, estes o não eram, urgiria que o fossem, para o qual deveriam contar não apenas com forças próprias, mas também com muitas de alheios, nomeadamente, as suas, e as de todas as Carmelitas Descalças. Por isso, aquando da sua madrugadora entrada no Carmelo, assumida tinha ela já uma coisa: iria oferecer-se e «rezar pelos sacerdotes», como depois dali escreveria a sua irmã Celina que restara em

casa junto do adorado pai. Tal seria o seu grito pelos que na terra porta-estandartes são do céu!

O seu alerta terá de continuar a replicar-se, hoje, mais e mais; por isso, assim nós; se por uma ou outra razão, aos católicos de hoje, nos não é concedido lavar batalha em campo aberto, anunciando Jesus, apaixonadamente, nos longínquos lugares de primeiro anúncio – dificuldades que, parece-nos, provavelmente, ficam hoje abaixo das de levar o Evangelho pelas autoestradas da indiferença típica da secularização! – caber-nos-á, então, por graça de Deus, sermos como ela areiazinhas santas abrasadas no amor de Deus, capazes de incendiar o mundo com o nosso zelo apostólico. E como sempre recorda Francisco, tal nunca pode ser feito por esforçado proselitismo ou imposição, mas por caloroso testemunho, pela oração e intercessão densas e intensas.

Jesus e o seu Evangelho não se impõem, é um facto; simplesmente passam de coração coração – a expressão

é de Francisco –, não por as testemunhas termos razão ou sermos mais fortes, mas por sermos areiazinhas que amam intensamente Jesus até ao escaldão, e assim, pela via do amor, para Ele atraímos mais e mais os demais. Na perspectiva de Teresinha, e de Francisco, é nas nossas debilidades que se erguem as forças, se animados pelo amor. Mesmo sendo areiazinhas, só os que amam, e se sabem amados, podem ser escolhidos para portadores de Jesus, porque só o amor é ilimitado e eterno, e actua eternamente, mesmo para além do fim das nossas forças, incluindo *post mortem*.

Compreenderemos este grito do coração de Teresinha?

A concluir, propomos que o leitor ouça a canção *Vocación al Amor* interpretada pelo grupo Jésed: <https://www.youtube.com/watch?v=If8lkwSQUUQ>.

\* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 2 julho 2023

## I CONGRESO INTERNACIONAL SANTA TERESA de LISIEUX

# UNA CARRERA DE GIGANTE

MANUSCRITO "A" DE LA HISTORIA DE UN ALMA  
TERESA DEL NIÑO JESÚS Y DE LA SANTA FAZ

28 agosto - 2 septiembre 2023



MATRÍCULA ABIERTA



# A bela Mãe é a mais bela flor do Carmo!

Frei João Costa, OCD



## 1. O negro e o branco. E o castanho de permeio.

No silêncio prévio às Primeiras Vésperas, já depois de escrito o texto do .carmo\_248 percebo melhor a dura dicotomia crepuscular em que me situo. É já o dia da Mãe do Carmo e do Carmelo e eu, pela alegria da minha, imagino a sua, vendo os filhos e filhas reunidos à roda da luz do seu olhar.

Nos lábios e no coração alçávamos, ainda há pouco, palavras, hinos, salmos e cânticos e sentimentos de gratidão e de prece confiada. Solenemente. Somos uma multidão, não haja dúvida.

E que alegria podermos celebrar dia tão grande e belo! Reconhecer e anunciar sermos filhos e filhas de quem somos — da Mãe do Carmo, a Senhora e Mãe do Jardim, a flor mais bela que nos fez nascer para a luz da fé, que a todos e a todas nos chama a ser luz clara e luminosa, e flores no meio da negrura deste mundo! Ora, se ela é formosa e bela, porque Bela Mãe do Belo Amor, como não haveremos nós de apreciar ser seus filhos e filhas? E porque filhas e filhos dela muito queridos, que quem nos vir a ela a veja!

## 2. O negro e o branco. E o castanho de permeio.

A Mãe de Jesus tem no Carmo muitos nomes. (Custa-me chamar-lhes títulos...), Mãe e Senhora do Carmo e do Carmelo, Nuvem Gentil, ou apenas Nuvenzinha, *Stella Maris* (Estrela do Mar) e, dizem-me, talvez por corruptela, mas ainda assim um nome seu: *Stilla Maris* (Gotinha de Água).

E Beleza e Formosura do Carmo.

## 3. O negro e o branco. E o castanho de permeio.

Na primeira tarde do dia da sua festa deste ano de 2023 delicieei-me na contemplação desta perfumada invocação: Beleza e Formosura do Carmo e do Carmelo. Ela é tão sonora e bela que me senti menino deitado de cara ao sol sobre um suave tapete de alfazema e pequeninas margaridas!

## Que bem que cheira a Mãe!

Deitado naquele solarengo regaço florido lembrei que a vetusta e sábia tradição judaica – afinal, aquela donde nós, ocidentais, bebemos e provimos! – tinha e tem especial apreço, ternura e encanto pelas montanhas. Pudera! A quem é que, subindo-as, nunca lhe pareceu quase estar a tocar o céu que, afinal, sempre nos foge? E quem é que, alcandorando-se a um pico bem alto, e sentindo os longínquos vales lá bem ao fundo, ainda não sentiu estar a entrar pelo coração de Deus adentro e a aspirar o ar puro do Espírito Divino? Eu, sim.

Ora, quem se aproxima de Deus aproxima-se da inesgotável fonte da beleza e da candura; e é por essa razão que, também para mim, um monte é bem mais belo que a planície. E se esse monte for todo ele regado por infinitas fontes, regatos e arroios, então o monte é mais que monte, e o belo é mais que belo, porque é jardim e fresco vergel – é carmo!

O Carmo é um carmo. É lugar de gentil e nobre beleza, não é deserto. Um carmo árido é em si uma contradição. O Carmo ou é carmo, ou não pode chamar-se jardim. E se o é, é belo e pacífico, e o oposto à dissensão, ao ciúme, à bulha e à guerra. Carmo é luz e saúde, o contrário de punhaladas traiçoeiras e rasgões feitos por pauladas ou bombardeamentos de mísseis e drones.

## 4. O negro e o branco. E o castanho de permeio.

Carmo é beleza, porque jardim. De Deus. É sinfonia de meiguice e de aromas e cheiros agradáveis. Se é de Deus, é agradável. É branco, tomando aqui o branco por paráfrase de pulcritude e de beleza suprema.

O branco é ela, a Mãe; não apenas o seu manto, também o seu olhar, a sua alma e o seu coração. O negro, nós em guerra, em inimizade, em fratricídio. O castanho, nós, os peregrinos da noite luminosa. Nós e os nossos pecados, ciúmes, espinhos, e pedras de arremesso e de

tropeço. Nós e tudo o que tenhamos de abandonar antes de nos podermos revestir dessa beleza que dizemos ser a Senhora do Jardim, do Carmo.

Nisto, enfim, se me fixaram, pois, os olhos naquelas Primeiras Vésperas: Ela, a Branca, nós, o Negro e o Castanho. Ela, a Mãe da Paz, nós, os fautores da divisão, da ambição e da guerra, pelo que, olhando-me a mim mesmo sob aquele Seu terno e materno olhar, dei comigo pasmando-me: se Ela é branca e pulcra, pacífica e bela flor, como a fomos nós revestir de castanho tão terreno?

Volvo atrás. O Carmo nascido no séc. XII é um carmo. É um jardim de ternas plantas e delicadas flores (algumas, porém, apenas cactos, com sabidos duros espinhos como punhais afiados – ai sim, ai se há espinhos neste carmo!) que aqui, ali e além, até aos dias de hoje, têm perdurado por feliz reverdecimento de contínuas graciosas primaveras.

Não há, como se sabe, flores eternas – a não ser no céu, claro. As que ainda peregrinam pela terra são passageiras, murcham durante o verão, ou à entrada do outono, pois raras são as que alumiam o inverno. A verdade é que a lei da flor é brotar, crescer, esplender e murchar. Aqui também, claro, porque a lei que manda, manda que se nasça, cresça, murche e morra, sendo que já no leito da morte algumas ainda continuam sendo belas...

#### 5. O negro e o branco. E o castanho quase escuro negro.

Neste ano de guerra ao pé da porta, dou comigo a tremer e a pensar que, salvo as daninhas que amarfanham e sugam a terra, no Carmo até as plantinhas são belas, de uma beleza diversa. Um mistério que apenas bem se entrevê com o olhar da alma.

Há por aqui flores singelas como as caladas mães que à mesa do altar do lar apresentam assados e pratos de sopa saborosa, e atendem os da sua casa, um a um, com o mesmo carinho, a mesma atenção e a mesma disponibilidade, como se cada qual fora o imperador maior do seu coração; e há mãos terna e cuidadosamente incansáveis a servir quatro vezes ao dia, colher a colher, a refeição aos seus doentes acamados ou, subindo, discretamente, as escadas do prédio para aconchegar um velhinho solitário antes de ele esconder sobre as mantas o longo medo da noite.

Há aqui guerreiros combativos, esforçados, invencíveis, lutando desalmadamente pela vitória das suas famílias. Nada os detém, nada os demove ou vence: nem caras feias, nem más palavras, nem amigos que o não sejam, nem inimigos que se apresentem com cara e lâ de amigos; e há discretos porteiros que abrem portas para a serenidade e a bem-aventurança, para a ternura, o aconchego e um ajardinado remanso com repuxos.

Como velas no meio do breu, há monjas valentes diante do silêncio de Deus ou da Sua presença frágil; há irmãos

e sacerdotes do tamanho da chama da vela do baptismo: pequeninos, discretos, alumando até o sol; e há seculares por décadas a fio à beira da cama de doentes, à beira de berços e junto às carteiras dos alunos; conduzindo autocarros e orientando o trânsito; salvando doentes que voam em ambulâncias a chorar e outros que navegam em alto mar, descendo até aos abismos; há padeiros, investigadores e polícias, cientistas e empreendedores, lavradores e artistas do teatro e do sonho; e há meninos e meninas, há futuro, promessa, dom e graça de que o mundo pula e avança se o sonharmos com coração de criança.

6. Pode não ser claro o que aqui deixo dito, e temo que tal bem possa suceder – por culpa minha, claro –, mas o Carmo é belo e belo é o Carmelo; e é isto que agora quero dizê-lo com o olhar, a alma, o coração e a voz. E a mais bela flor do jardim é a Mãe do Sim, a mulher nova que «encontrou graça diante de Deus», ela, a «cheia de graça»; ela, o Sim, que só o Sim para sempre é belo, o Sim sempre Sim; ela, o Sim inquebrantável, invencível, inteiro, pleno, total, confiado no Deus que fez o jardim e o Sim.

7. Nestes dias da Senhora do Carmo, o nosso Padre Geral, Frei Miguel Maria Márquez, quis peregrinar à Ucrânia, esse país imenso e belo, esse celeiro generoso e frondoso cedro. No momento em que escrevo esse bendito anjo mensageiro, está de joelhos a rezar pela paz no Santuário de Nossa Senhora do Carmo de Berdiechev, a padroeira da Ucrânia.

Quando o mundo jaz destroçado e enfermo, ferido e rasgado no coração, nas pernas e na cabeça por mais uma guerra, óbvio é que chegou a hora de rezarmos. Com ele ajoelhem também nós e beijemos o Escapulário e as mãos da Mãe do Príncipe da Paz, e, juntos, imploremos com o P. Miguel Maria:

8. *Mãe de Deus de Berdiechev,  
Santa Maria do Monte Carmelo,  
Nossa Senhora e Irmã, e Rainha da paz:  
num só coração e numa só alma  
vos oferecemos a homenagem da nossa gratidão  
nesta hora de dificuldade e de esperança,  
de sofrimento e de confiança.  
Eis-nos aqui com o grito  
e a súplica dos teus filhos e filhas  
que sofrem o sem-sentido da guerra  
e de tantas formas de escravidão e dor  
que ferem a dignidade do ser humano.  
Hoje nos abrigamos  
e abrigamos todo o povo da Ucrânia  
sob o teu manto para que sejas plenamente Mãe,  
ó mãe!*

.carmo 248 de 16 julho de 2023



20 a 22 outubro 2023

# Espiritualidade no feminino

XI Congresso de Espiritualidade

Organização

**Institutos de inspiração carmelitana e teresiana**

Ordem do Carmo | Ordem dos Carmelitas Descalços

Companhia de Santa Teresa | Carmelitas Missionárias

Instituição Teresiana



# Carta de um velho a um jovem JMJ2023

Frei João Costa, OCD



Boa tarde, jovem!

De facto, imagino que sejas jovem, tu que nesta tarde entras na Igreja do Carmo de Braga e tomas esta folha na mão. Sei que serás jovem, sem bem saber se és rapaz ou rapariga, se consagrado, se sacerdote. Talvez até sejas papá ou mamã, e trazes um bebé ao colo — olha que seria giro! Com toda a probabilidade não és português; serás, quem sabe, duma ilhotazita qualquer: Vanuato, no Pacífico. Tuvalu, o país insular menos visitado do mundo! Ou, talvez, de Timor Leste, quem sabe, ou de Nitéroï... Enfim, não sei de onde serás. Sei que de onde fores eu serei, por isso te digo: sente-te em casa; entra, descansa, descalça-te e reza. Ou só descansa, não tem mal. Sabe, tu és de casa; por isso, se precisares de algo, diz. Estou aqui por ti. E lembra, aqui, também está Jesus, tal como algures, numa imensa catedral, ou numa choupaninha, Ele encontra o mesmo lugar, o mesmo trono, o mesmo sacrário guardado por uma luzinha, e amado pelo coração dos teus pais, dos amigos dos teus pais, de toda a tua comunidade. E também por aqui anda a Virgem de Nazaré, que aqui toma o doce nome de Maria do Carmo!

Carmo significa jardim; para um jardim é o que te convido, pois.

Não sei o que à tua chegada estarei a fazer, quando entrares. Provavelmente a rezar Missa; talvez num momento de oração a sós; talvez a varrer um corredor, a carregar de cera líquida as velas do altar ou a descascar batatas para a sopa ou, quem sabe, apenas — e este *apenas* não é pouco! — a confessar. Se não me vires, se não nos virmos, não tem mal, é porque não foi inteiramente preciso que nos víssemos! Mas se for preciso, há pelo menos duas campainhas em que podes tocar: eu estarei por detrás de uma, confia.

Imagino ainda que a tua chegada seja da parte de tarde, porque as tardes das JMJ costumam ser a parte do dia

dedicada a conhecer melhor os lugares e as comunidades que nos acolhem! Se é tarde, é calor; por isso, entra e descansa neste jardim.

Apresento-me: chamo-me João, e sou carmelita descalço. Sou português e gosto muito da minha terra. Sobretudo porque é acolhedora. Tenho cinquenta e seis anos. Em diferentes idades da minha vida, fui peregrino em três JMJ: Santiago de Compostela, Paris e Roma. Nenhuma foi igual a nenhuma outra; cada peregrinação JMJ, cada esforço, cada cansaço, cada pinga de suor, cada cântico, alguma lágrima também, ajudaram-me a continuar a caminhar, a continuar a subir. De tudo, o mais importante foi não parar, pois sempre as JMJ nos impelem para a frente.

Não vou a Lisboa; não é que seja velho, mesmo se alguns me tratam por avô! Não é isso; acontece que decidi viver as JMJ2023 desde outra dimensão: a do acolhimento. A-co-lhi-men-to: a palavra soa-me bem! Nunca inteiramente me havia apercebido disso: as Jornadas também têm o lado de quem acolhe! Uns chegam e outros abrem os braços e o coração, e acolhem, pelo que as Jornadas são ambos os lados: o caminhar e o acolher. É certo que há pressa no ar... pressa em ir ao encontro com o Papa, e pelo Papa e a Virgem Maria a Jesus. Pressa de encontro, pressa de comunhão, pressa de devorar caminhos ao encontro do outro. Sim, a pressa que as JMJ2023 sugerem é a de partir mundo fora ao encontro do outro. A meu ver, porém, quem acolhe não tem pressa, tem todo o tempo do mundo. Marta tinha, sim, mas eu vou despindo-me da sua pele, acredita... É assim que me sinto, calmo e sem pressa, calmo e com todo o tempo para acolher. Ah, perguntas-me, no teu mau inglês, o que farei? Pois, não saberei bem, porque um peregrino é diferente de outro peregrino, as necessidades de um podem, ou não, ser as de outro. Talvez sim, talvez não, como digo. Tenho, é certo, uma igreja fresca, onde, porque não, se for o caso, poderás estender o teu sacco-

-cama no chão! Porque não?... Tenho silêncio, um abraço, um coração de paz, uma oração de bênção, um copo de água fresca. Não é muito, mas acredito que do que há, posso repartir, e enquanto algo não se parte e reparte, chega para todos — isto é o que dizemos por cá, nesta terra que te acolhe... Acredito, sinceramente que, se aqui entrares, daqui sairás diferente, no mínimo, recomposto.

(Ah, como será bom abraçar-te; como será bom abraçar Jesus abraçando-te a ti!)

Há, porém, uma coisa sedutora que, recentemente, encontrei entre palavras do Papa Francisco: sugeriu-nos ele, aos velhos — e quem diz velho, diz aos avós — e, vê lá tu, até já aceito que sou velho!, que rezássemos por um dos jovens que venha em peregrinação a Lisboa durante as JMJ2023. É o que farei de coração inteiro. Inteiramente, generosamente.

Braços abertos, coração feliz e oração ardente, é como eu participarei nas Jornadas de 2023! Não é muito? É o que posso.

Não tenho palavras para essa oração. Tampouco desenharei em minha mente um rosto. Não definirei linhas, nem cores, nem o rasgo dos olhos, nem a apresentação do cabelo. Cada rosto, cada coração e cada alma têm uma impressão digital única; e uma história única; por essa razão, nem em sonhos quero imaginar por quem rezarei, melhor, por quem tenho rezado, durante as JMJ2023. Rezarei, simplesmente. Rezarei por todos, como manda o Papa; mas como não domino inteiramente a linguagem da oração, parece-me que uma só elevação do meu coração acima das nuvens, por todos, dará apenas uma fatiazinha

muito pequenina, e até um nada, uma pequena migalha, digo eu, por cada um de vós. Por isso, reze pouco ou muito, mal ou bem, o Bom Deus aceite a minha oração, por ti, jovem JMJ2023 por quem gozosamente rezo.

Que mistério, a oração!

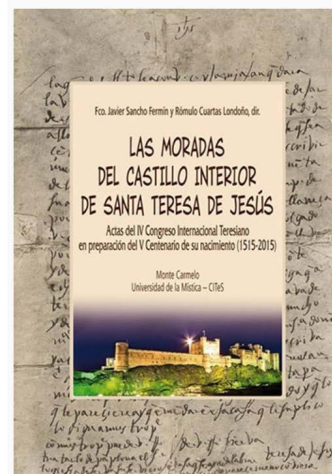
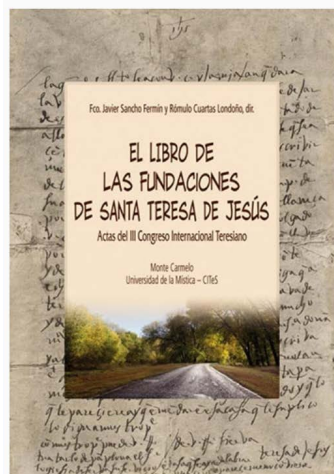
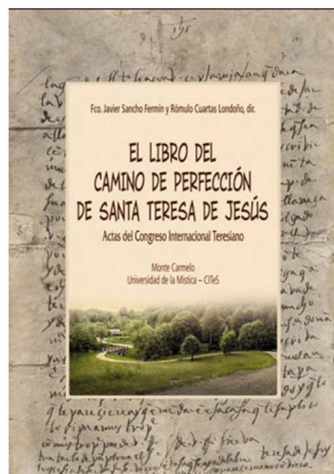
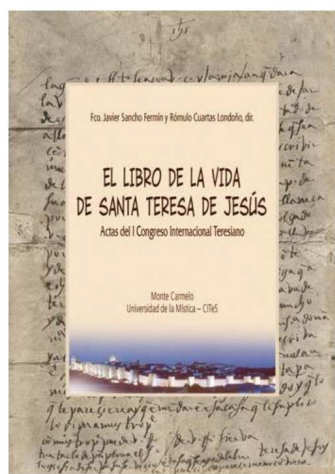
Que mistério, a vida!

Que mistério, a peregrinação e a comunhão entre quem vem e quem recebe!

Virá à JMJ2023 um jovem, de quem não sei o nome, nem a ocupação, nem os sonhos, se é doente ou não, se é sonhador ou não, se pecador, se santo; virá da outra banda do mundo, cruzando não sei quantos fusos horários. Virá para a minha terra tal como, com muita probabilidade, outrora, há quinhentos anos, ou talvez menos, foram os meus antepassados, daqui para lá. Faz ele agora a inversa, e vem a Lisboa donde partiram as caravelas. Verá as mesmas águas do Tejo com o mesmo júbilo de quem, há quinhentos anos, descobriu, pela primeira vez, a pele escura ou os olhos em bico! Virá não sei quem, não sei como, e eu estarei aqui para o acolher, com a sala do meu coração aberta para o receber. Virá como quem visita a casa do irmão, como Maria visitou a de Isabel. Virá. E talvez até nem chegue a ver-lhe a íris dos olhos, a dar-lhe a mão. Mas ele virá até esta Terra de Santa Maria. Virá confiante, que aqui há quem reze por ele.

Chega em paz, meu caro, cara minha. Há aqui corações, uns velhinhos, outros não, que rezam por ti há meses. Bem-vindo. Temos para ti um ósculo de paz.

## Atas dos Congressos Teresianos com acesso livre na plataforma *Digicarmel*



O *blog delaruecaapluma.com* anunciou que o portal *Digicarmel*, em colaboração com a editorial *Monte Carmelo* e o *CITEs* de Ávila, oferece ao público, em acesso livre para consulta, as Atas dos Congressos Internacionais realizados na *Universidad de la Mística* na preparação ao V Centenário da nascimento de Santa Teresa de Jesus (1515-2015).

Os textos estão alojados na *Bibliotheca Carmelitana Digitalis* (BCD) da *Digicarmel*. O *blog* organizou uma série de *links* para facilitar o acesso a cada um dos volumes. É feito o

agradecimento a todos os que têm participado nesta iniciativa, no sentido de levar este valioso material ao público interessado na vida, obra e legado de Teresa de Jesus. A par deste material, também se informa que o mesmo *blog* tem organizado uma biblioteca com vários *links* para acesso digital às várias edições das obras clássicas de São João da Cruz e de Santa Teresa de Jesus. Visite o *blog* em <https://delaruecaapluma.com/2023/07/26/actas-de-los-congresos-teresianos-en-acceso-abierto-en-digicarmel/>.